

## **Liberdade e desejo na construção de identidades: múltiplos espaços, múltiplos migrantes**

*Isis do Mar Marques Martins*

*Geógrafa - UERJ*

*Miguel Ângelo Ribeiro*

*Professor UERJ*

### Resumo

Este pretensa compreender o papel das noções de identidade e liberdade na escala da produção do desejo, como forma de construir nossa linguagem baseada numa perspectiva múltipla, a partir da migração e do movimento dos migrantes. A questão da migração, analisada em diversos âmbitos da ciência moderna (literatura, matemática-economia, sociologia, geografia, história, entre outros), pode ser vista em um novo e provocador debate acerca de sua inerência no espaço, não só o espaço geográfico, mas um espaço de todos e para todos.

**Palavras-chave:** Migração, desejo, expressão, espaço

*Na galeria, cada clarão*

*É como um dia depois de outro dia*

*Abrindo o salão*

*Passas em exposição*

*Passas sem ver teu vigia, catando a poesia que entornas no chão...*

**Chico Buarque – As vitrines**

O território é expressão e o conteúdo permanece na multiplicidade potencialmente expressa. O migrante, enquanto agente de seu movimento

é também passivo ao movimento que faz, e por vezes, seu território é território de manipulação de hegemonias distintas dos seus habitus, aos seus agenciamentos, aos seus espaços. Embora muitas vezes o migrante passe sem ver o vigia que cata sua poesia ignorada, não será possível que ele tenha consciência de seu desleixo pela poesia, e o faz pelos engendramentos atribuídos pelas geometrias distintas às dele?

O migrante e a migração podem ser analisados sob vários aspectos e, portanto sua definição e sua marca no espaço são interpretadas conforme a necessidade de se entender uma visão de/do mundo. O migrante e o ato são fatos, presentes e materiais, já que, em grande medida, esse movimento é possível e passível de visibilidade aos nossos olhos. A discussão acerca do migrante encontra-se então na interseção do político e do social, sua participação nas esferas de poder e a construção de suas próprias esferas, tornando-o desta forma, parte do corpo social em transformação, seja por uma coletividade, por uma massificação, por um trunfo, por ideologias ou simplesmente pelo movimento.

Qual a importância, então, da compreensão do movimento, da migração, do migrante e do movimento do migrante? Acreditamos no entendimento da multiplicidade do movimento dos fenômenos migratórios, as peculiaridades da migração e do migrante para termos consciência de nossas ações, isto é, na perspectiva horizontal dos sujeitos enquanto migrantes, geógrafos e/ou professores. Sua compreensão está muito além do repasse dessa consciência, de sua manifestação para o outro, do encontro para aprender e ensinar, mas da maneira de como pode ser interpretado vários repasses para encontrarmos uma aproximação com a realidade. E então nosso erro, como acadêmicos, é

na crença de que, como responsáveis por esse repasse, podemos estabelecer agenciamentos de poder. Na realidade estamos reproduzindo poder, e, portanto, não temos a real consciência daquilo que pode ser expresso como conteúdo, ressaltado por Deleuze e Guattari.<sup>1</sup>

Neste artigo procuraremos relacionar a compreensão daquilo que queremos encontrar em relação aos migrantes: a relação com o lugar deixado, com o lugar de chegada, a relação entre desejo e sua relação e oposição com a necessidade, a multiplicidade inerente que faz do movimento intrínseco a esse desejo como conteúdo, reproduzido pelas feições e pelos gestos, e muitas vezes mascarados pela expressão da ordem e do poder.

Paradoxalmente, o migrante, desleixado com sua poesia jogada ao chão, a refã-la de maneira mais detalhada, e de forma subversiva e complexa, nos deixa entorná-la, sem interpretação e de difícil compreensão... E então ignoramos e a jogamos novamente no chão...

#### AGENCIAMENTO E DESEJO NA PRODUÇÃO DO MOVIMENTO

Começemos com apontamentos em relação a termos presentes nas obras de Deleuze e Guattari, que serão usados no decorrer deste, tais como multiplicidade, devir, forma, conteúdo e expressão. Para tais autores, o devir é um tornar-se constante, presente no espaço e inerente ao movimento. Pensar nas possibilidades em movimento é entender o devir e a multiplicidade inerentes ao espaço e às espacialidades.

O novo paradigma envolve pensar em termos de devir e não de evolução,

---

1 Gilles Deleuze e Félix Guattari, *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, Vol 1, (Rio de Janeir,. Editora 34, 1995).

em qualidades expressivas e não em funções, um pensamento processual... É no mínimo, curioso como, num pensamento centrado no movimento, nas conexões, a dimensão geográfica, e não a histórica, emerja com tamanha força. Trata-se, por certo, da valorização das simultaneidades, dos devires e de um tipo específico de conexão, o do 'rizoma', ou seja, muito mais os contextos e interações do que as filiações e sucessões.<sup>2</sup>

À luz da *geograficidade* das relações sociais, a trajetória a ser vivida é inesperada conforme as situações emirjam do cotidiano. Se tais situações se estabelecem num espaço inundado de discursos ideológicos, e portanto um espaço alienado, a territorialidade é imposta, sua *potência* individual e subjetiva do ser é subjugada e dessa forma se torna mecanismo de força e coerção de um território delimitado, numa liberdade consentida pelas ferramentas do sistema capitalista e pela reprodução de hegemonias daqueles que procuram a detenção de poder.

A potência, para Deleuze e Guattari, é construída ainda na relação que se estabelece, posteriormente, nas formas, na produção de pensamento e discurso. A potência também se movimenta, ora está na construção do pensamento ou e/ou da ação, ora se interpõe às relações e às consequências de cada um. É de fato a possibilidade, a interação do existir em relação ao que poderá ser, e também não é somente uma transformação das relações humanas, ocorre no *cosmos*, como já foi ressaltado anteriormente. É nessa matriz da potência que nasce a multiplicidade.

As multiplicidades constituem a própria realidade, propondo assim superar

---

<sup>2</sup> Rogério Haesbaert, *O mito da desterritorialização: Do "fim dos territórios" à multiterritorialidade*, (Rio de Janeiro: Editoria Bertrand Brasil, 2007 3ª Edição).

## Liberdade e desejo na construção de identidades: múltiplos espaços, múltiplos migrantes

---

as dicotomias entre consciente e inconsciente, natureza e história, corpo e alma. Embora os autores reconheçam que subjetivações, totalizações e unificações são ‘processos que se produzem e aparecem nas multiplicidades’, estas ‘não supõem nenhuma unidade, não entram em nenhuma totalidade e tampouco remetem a um sujeito’. Seu modelo de realização, portanto, não é a hierarquia da árvore-raiz, mas sim a pluralidade do rizoma.<sup>3</sup>

Multiplicidade e pluralidade caminham juntas, para a construção do espaço, das redes, do território e, principalmente das des-re-territorializações.

As multiplicidades são a própria realidade, e não supõem nenhuma unidade, não entram em nenhuma totalidade e tampouco remetem a um sujeito. As subjetivações, as totalizações, as unificações são, ao contrário, processos que se produzem e aparecem nas multiplicidades. Os princípios característicos das multiplicidades concernem a seus elementos, que são *singularidades*; as suas relações, que são *devires*; a seus acontecimentos, que são *hecceidades* (quer dizer, individuações sem sujeito); a seus espaços-tempos, que são espaços e tempos *livres*; a seu modelo de realização, que é o *rizoma* (por oposição ao modelo da árvore); a seu plano de composição, que constitui *platôs* (zonas de intensidade contínua); aos vetores que as atravessam, e que constituem *territórios* e graus de *desterritorialização*.<sup>4</sup>

É nessa perspectiva que Deleuze e Guattari propõem que o entendimento das relações no cosmos que desterritorializam para novamente se territorializar se encontra no que eles chamam de *estratos*, que conseqüentemente produzem formas. Por formas compreende-se aquilo que nasceu de uma potência e através de um processo rizomático, estabeleceu-

---

3 Haesbaert, (obra já citada), 112-113.

4 Deleuze e Guattari, *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, Vol 1: 8.

se no pensamento. Das formas, portanto, nasce o agenciamento, que nunca é uno, já que veio de várias formas. Essas formas inda podem ser não-discursivas, e desse modo ainda fazem parte da potência do ato, como podem ser discursivos, ato e enunciado, integrante ora de uma desterritorialização daquilo que antes não era expressão/ação, para uma reterritorialização, daquilo que agora é um *agenciamento coletivo de enunciação*, em relação a agenciamentos *maquínicos de desejo*.

Dizemos que o agenciamento é fundamentalmente libidinal e inconsciente (...). Não podemos nem mesmo mais falar de máquinas distintas, mas somente de tipos, de multiplicidades que se penetram e formam em dado momento um único e mesmo agenciamento maquínico, figura sem rosto da libido. Cada um de nós é envolvido num tal agenciamento, reproduz o enunciado quando acredita falar em seu nome, ou antes fala em seu nome quando produz o enunciado. Como estes enunciados são estranhos, verdadeiros discursos de loucos.<sup>5</sup>

O agenciamento coletivo de enunciação provém das formas de expressão ou formas discursivas, daquilo que se insere no espaço como ato e possui consequências sociais, coletivas. O agenciamento maquínico de desejo provém das formas de conteúdo, não discursivos, que já não são exatamente potências, pois já foram processadas pelo inconsciente, mas ainda não é o discurso acabado, conforme a conveniência do sujeito, possuidor e construtor imanente dos agenciamentos.

#### A MOBILIDADE E (NÃO VERSUS) NECESSIDADE À MOBILIDADE

---

5 Deleuze e Guattari, *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, Vol 1: 50.

No prefácio à edição brasileira, Doreen Massey (2008) diz que “a teoria surge da vida”. A teoria, portanto, é também um encontro no espaço, dialogando com as suas diferenças e produzindo, ali, naquela estória, uma identidade. Essa identidade perpassa as noções de fixidez e estase, pois ela faz parte de um devir constante. O desejo, parte do devir e da potencialidade dos espaços e dos lugares, não é somente componente da materialidade. É intrínseco à potência, ora desterritorializada e em potência como conteúdo, ora de alguma maneira expressa e territorializada, como o ato de migrar. É, portanto o desejo que assume a necessidade de algo, e não o contrário. A formação da potência se transforma, para Deleuze e Guattari, a partir de regime de signos em desejo ou em expressão conforme as multiplicidades que são ou não discursivas. O desejo, como forma de conteúdo, não se diz ou não se expressa, é por assim dizer parte intrínseca do ser enquanto potência para depois agir ou não.

A forma de expressão não se reduz a palavras, mas sim a um conjunto de enunciados que surgem no campo social considerado estrato (é isto um regime de signos). A forma de conteúdo não se reduz a uma coisa, mas a um estado de coisas complexo como formação de potência (arquitetura, programa de vida etc). Há nisso como que duas multiplicidades que não cessam de se entrecruzar, “multiplicidades discursivas” de expressões e “multiplicidades não-discursivas” de conteúdo (...) não se deve jamais confrontar palavras e coisas supostamente correspondentes, nem significantes e significados supostamente conformes, mas sim formalizações distintas em estado de equilíbrio instável ou pressuposição recíproca (...). Não se é jamais significante ou significado, mas sim estratificado. <sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Deleuze e Guattari, *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, Vol 1:84-85.

É interessante que forma de conteúdo e de expressão não nascem uma da outra, muito menos se aliam ou se relacionam. Para os autores, elas se entrecruzam no espaço e formam uma territorialização. Nesse cruzamento entre conteúdo e expressão, agenciamentos reproduzem discursos. A forma de expressão ocorre pela forma de conteúdo não expressa. O conteúdo, aliado ao agenciamento e à forma de expressão, denota o agenciamento da ordem. Isso não significa que a forma de (ou o) conteúdo se transformou, mas em uma momentaneidade, naquele espaço e naquela perspectiva, foi modificado. O agenciamento produzido por formas de expressão são assim agenciamentos coletivos de enunciação, intrínsecos à linguagem.

A linguagem não é informativa nem comunicativa, não é comunicação de informação, mas — o que é bastante diferente — transmissão de palavras de ordem, seja de um enunciado a um outro, seja no interior de cada enunciado, uma vez que um enunciado realiza um ato e que o ato se realiza no enunciado [...] Se se quer passar a uma definição real do agenciamento coletivo, perguntar-se-á em que consistem os atos imanentes à linguagem, atos que estão em redundância com os enunciados ou criam palavras de ordem.<sup>7</sup>

A forma de conteúdo, desterritorializada, em cruzamento com outros corpos, se liga e se relaciona territorializando-se em corpos maquínicos. A forma de conteúdo, portanto, propulsiona os agenciamentos maquínicos de desejo. Entendendo o desejo como imanente ao conteúdo, abstraído da expressão.

Em seu aspecto material ou maquínico, um agenciamento não nos parece

---

<sup>7</sup> Deleuze e Guattari, *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, Vol 2: 9.

## Liberdade e desejo na construção de identidades: múltiplos espaços, múltiplos migrantes

---

remeter a uma produção de bens, mas a um estado preciso de mistura de corpos em uma sociedade, compreendendo todas as atrações e repulsões, as simpatias e as antipatias, as alterações, as alianças, as penetrações e expansões que afetam os corpos de todos os tipos, uns em relação aos outros.<sup>8</sup>

Embora potencializado, o encontro com o outro é o que impulsiona o desejo, e assim, impulsiona uma territorialização. O outro pode ser um migrante, pode ser o contato no lugar chegado, pode ser o próprio lugar em que está. O mais interessante é perceber que o desejo se manifesta coletivamente em um agenciamento por outro agenciamento, seja ele de expressão ou de conteúdo.

Portanto, não é a necessidade que impulsiona o movimento, e sim o desejo que perpassa os processos políticos e sociais inseridos no espaço (e não somente no tempo e no processo em si). Depreende-se dessa forma um paradoxo inerente ao ser, pois se há a massificação de ideologias vinculadas às relações de trabalho e consumo no ato de migrar, há o desejo inerente ao movimento, e, portanto, a consciência intrínseca da possibilidade do movimento, seja lá para onde ou como. A necessidade é então munida de um agenciamento, em grande medida, de enunciação, quando o discurso hegemônico determina coercitivamente a migração, o movimento imposto, a territorialização imposta. O desejo é inerente ao ser humano, principalmente pela mobilidade. A migração não ocorre somente pelo agenciamento da necessidade coercitiva, mas pela melhoria social, política e psicológica. O encontro com o novo conscientemente produz novos lugares, em estórias-

---

8 Deleuze e Guattari, *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, Vol 2: 27.

até-agora<sup>9</sup> que se formam, conduzem a identidade no espaço múltiplo. E essa multiplicidade refaz rizomaticamente, horizontalmente. Novos desejos, novos conteúdos, que se cruzam com ideologias, hegemonias, mas também com gentes e com o novo. Nesse encontro com o novo, a consciência aberta, o conteúdo se estabelece, trazendo à poesia que antes entornávamos no chão, uma nova expressão.

Possibilitar o novo e a compreensão da multiplicidade inerente ao ser, ativo, na construção desse espaço, é ferramenta política, é assim, território e territorialidade, a propulsão multiterritorialidades.

É necessário, então, entender o motivo do conflito. O migrante é visto, como Sayad<sup>10</sup> ressalta, como um problema para os sujeitos do lugar em que ele está. É visto como estranho, e, portanto como problema no retorno, e seu conflito estão no inconformismo do efetivo interesse na/da migração, que é inserir-se, espacialmente e geograficamente, na realidade social na qual a vida se estabelece, nas relações, no encontro, na possibilidade de entender a multiplicidade do espaço. Temos duas questões pertinentes nessa perspectiva: a primeira, na busca do desconhecido nós possuímos certo receio. Quebrar o medo daquilo que não sabemos requer muitas vezes abrir o conflito, abrir o acesso a ele. Assim como Massey<sup>11</sup> aponta que muitas vezes a percepção da infinitude e da multiplicidade do espaço muitas vezes leva os pesquisadores a negá-la, construindo uma racionalidade no/do espaço que não é de sua

---

9 Doreen Massey, *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*, (Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008).

10 Abdelmalek Sayad, *A imigração ou os paradoxos da alteridade*, (São Paulo: Edusp, 1998).

11 Doreen Massey, “Imaginando a globalização: geometrias de poder de tempo-espaço”, *Revista Expressões Geográficas*, n. 3, (Florianópolis, 2007)

natureza, não é a compreensão desconhecida conhecida do espaço.

“Longe de defender a estabilidade da representação, o espaço real (espaço-tempo) é impossível de ser precisado (...). Talvez seja necessário, primeiro, arremessar-nos para dentro do espaço. Haverá, assim, uma priorização, uma seleção, talvez refletindo práticas efetivas de relacionalidade.”<sup>12</sup>

Para a autora esse receio se alia à construção de conceitos da geografia e do espaço que se vinculam ao tempo e a possibilidade de termos acesso ao conhecimento. É, contudo uma ferramenta que desvincula as relações complexas da coetaneidade. O fechamento para o desconhecido e principalmente, na impossibilidade de conhecer essa complexidade efetivamente é o que faz na compreensão da migração algo muito pertinente para o conhecimento e que ainda não é praticado. Pensar nessa complexidade inerente à multiplicidade do ato de migrar é ferramenta política.

A segunda é a reprodução ideológica que se faz do espaço e dos sujeitos, construtores desse espaço e, dessa forma entender que ocorre um conformismo político da migração como necessidade de trabalho e para o trabalho, naquilo que Sayad coloca como processo social que denota provisoriedade ao migrante, mas que indiretamente, tanto pelos sujeitos quanto pelas instituições, tem a clara noção da efetivação do migrante no lugar chegado. O espaço público torna-se aquilo que Massey aponta como espaço romantizado, aberto à harmonização e ao centro de atividades de qualidade de vida, que para tanto significa equilíbrio e satisfação. O espaço urbano, ainda para Massey, é fruto do conflito, e, portanto, não se faz pela planificação da

---

12 Massey, “Imaginando a globalização: geometrias de poder de tempo-espaço”, 123.

harmonia e da vida nessa forma de qualidade, como Alessandri Carlos <sup>13</sup> muito bem sintetiza em relação ao espaço alienado. Reconhecer que o conflito faz parte da cidade é um papel político da humanidade, e dos cidadãos. Cidadania é a consciência da cidade como parte intrínseca de si mesmo e do seu viver, de forma consciente, produzindo espaços e lugares, na transformação de estórias-até-agora.

Existem, assim, perspectivas de identidade. A identidade na migração está no reconhecimento do movimento e da mudança, aberta a possibilidade de compreender o conflito. A identidade na migração também está no papel daqueles que ficaram, em perceber a multiplicidade e a diferença, naquilo que não vemos agora e podemos ver num futuro sem especulações, na infinitude do espaço. A migração na identidade é imanente ao ser, migrante independente da mobilidade, sem potencializações de sua força de trabalho ou de sua necessidade, é a compreensão do movimento no e do espaço, assim, a abertura à territorialidade efetiva, de si mesmo (ou, para Deleuze e Guattari, a desterritorialização como linha de fuga, que resulta do romantizado conceito de nomadismo).

As duas identidades fazem parte de um rizoma e se cruzam conforme se estabelecem no *cosmos*. O cruzamento produz um agenciamento diferente, que se para Deleuze e Guattari é uma linha de fuga, para a análise geográfica é uma territorialização consciente do seu movimento, uma multiterritorialidade, para Haesbaert<sup>14</sup>.

---

13 Ana Fani Alessandri Carlos, “Reflexões sobre o espaço geográfico”, Dissertação de mestrado submetida à Universidade de São Paulo, 1979.

14 Haesbaert..

## Liberdade e desejo na construção de identidades: múltiplos espaços, múltiplos migrantes

---

O que efetivamente importa é ‘estar livre para abrir e fechar’ territórios, ter a capacidade – ou a escolha – para aí entrar, sair, passar ou permanecer, de acordo com sua necessidade ou vontade. Isto significa termos o poder de tornamo-nos mais ou menos ‘controlados’, de fazer as articulações ou conexões que nos aprouver, dotando assim de significado ou de ‘expressão’ própria do espaço [...] Quem tiver mais opções para ativar e comandar a riqueza da multiterritorialidade que potencialmente se encontra a seu dispor, seja através de movimentos progressistas, seja através de movimentos retrógrados ou conservadores, consegue maior poder para produzir mudanças sociais (...) sempre no movimento concomitante de desterritorialização e reterritorialização.<sup>15</sup>

Identidade na migração e migração na identidade não totaliza as noções de consciência em Karl Marx, espaços sociais em Bourdieu<sup>16</sup>, ou como Santos<sup>17</sup> reflete em relação à consciência da construção do espaço, para o migrante, mas nos mostra que para entender a migração, o complexo geográfico que se faz na mobilidade e perpassa a noção fixa de espaço, desloca nossos receios para a abertura do novo, e abrindo o novo, trazemos à tona o conflito, para estabelecermos um lugar aqui e agora, em negociação com a identidade, e começar novamente a espacialização.

### **LIBERDADE: SINÔNIMO DO VIVER?**

Diante do discutido até então, nos perguntamo-nos o que e como se manifesta a liberdade? E o que, é, afinal, a liberdade?<sup>18</sup> Para Deleuze e Guattari,

---

15 Haesbaert, 361-362.

16 Pierre Bourdieu, *O poder simbólico*, (Rio de Janeiro: Difel, 1989).

17 Milton Santos, *Pensando o espaço do homem*, (São Paulo: Hucitec, 1991).

18 Segundo o Dicionário Aurélio, liberdade é o direito de proceder conforme nos pareça, contanto que esse direito não vá contra o direito de outrem, também a condição do homem ou da nação que goza de liberdade.

a liberdade não é necessariamente um agenciamento, e sim o contrário. Não é manifestação, é desterritorialização, é o espraio ontológico. Em grande medida, sabemos que a liberdade moderna é questionável, ainda mais a liberdade imposta do sistema capitalista, que nos dá liberdade para o consumo e para o trabalho. Temos liberdade de escolher aquilo que é necessário para nós, ao menos ideologicamente. Temos liberdade de movimento, de ação, de pensamento... Mas será realmente que somos efetivamente livres?

Giorgio Agamben<sup>19</sup>, filósofo italiano, remete ao direito e a possibilidade de pensarmos sobre a liberdade como uma liberdade consentida por uma força que desapropriou a lei efetiva e deu poder ao representante da coisa pública, a estabelecer um estado que paradoxalmente corrompe a lei criando leis que interessam a uma minoria, um estado de exceção.

O estado de exceção é, nesse sentido, a abertura de um espaço em que sua aplicação e norma mostram sua separação e em que uma pura força-de-lei realiza (isto é, aplica desaplicando) uma norma cuja aplicação foi suspensa. Desse modo, a união impossível entre norma e realidade, e a consequente constituição do âmbito da norma, é operada sob a forma de exceção (...). Para aplicar uma norma, é necessário, em última análise, suspender sua aplicação, produzir uma exceção. Em todos os casos, o estado de exceção marca um patamar onde lógica e práxis se indeterminam e onde uma pura violência sem *logos* pretende realizar um enunciado sem nenhuma referência real.<sup>20</sup>

Para o autor, uma série de políticas vinculadas ao direito e ao judiciário culminou num *continuum* desse estado de exceção. O direito passa

---

19 Giorgio Agamben, *Estado de exceção*, (São Paulo: Boitempo, 2004).

20 Giorgio Agamben, *Estado de exceção* (São Paulo: Editora Boitempo, 2004): 63.

a transgredir por meio da violência, embora não a tolere fora do direito. A liberdade consentida conforme esse direito em estado de emergência como regra, estabelecida pela “coisa pública”, não perpassa as relações com os sujeitos. A *res publica* torna-se apropriação de uma determinada classe para interesses individuais. O estado de exceção permite a criação de agenciamentos de poder concernentes ao Estado, que por estabelecer normas próprias, cava as ideologias políticas. Vemos em grande medida nas redes de migrações a reprodução dos agenciamentos e dos discursos que são reflexos do medo e da ideologia do “bem viver” na “comunidade”, patentes quanto ao que Agamben aponta. A relação com determinados espaços e assim a restrição do movimento pelo poder público denotam a reprodução do discurso do migrante como um problema e, de forma nada mascarada, utilizam arbitrariamente aos sujeitos e pelos sujeitos da cidade.

São agenciamentos coletivos de enunciação, que transformam o ato de migrar em relação de trabalho. É a representação do nordestino como um trabalhador em potencial, como Póvoa Neto<sup>21</sup> coloca; é a comunidade tranqüila e boa para viver, que estabelece para o migrante, determinações de encontro a ele mesmo. Onde está a liberdade, vinculada à subjetividade que leva ao encontro com o outro? Essa liberdade consentida por outros é o que nos leva a pensar no espaço e numa territorialidade imposta, cuja ação se dá pelo outro, que determina seus agenciamentos. O motivo principal é ferramenta essencial que nos torna um ser político: o poder. Não é necessário ter poder sobre si mesmo, há a incessante busca de obter poder sobre os outros. Relações de poder, para Deleuze e Guattari, Massey, Sayad, dentre outros, são

---

21 Helion Póvoa Neto, *A produção de um estigma: Nordeste e nordestinos no Brasil*, Travessia, nº 19, (São Paulo: Centro de Estudos Migratórios, 1994).

inerentes a cada ser vivente no planeta. Territorializar, acima de estabelecer poder e agenciar sobre si e sobre os outros, agenciar em expressão à palavra ordem. Não é a mobilidade que se insere como mecanismo de relação de poder, é a relação dessa migração com o espaço a ser reproduzido tanto pelas hegemonias quanto pelos sujeitos migrantes.

É, portanto, de interesse público ter em mente que a liberdade do sujeito perpassa a consciência política de cada, de sua importância no espaço e na sua construção constante, entrecortada por encontros e lugares sempre em movimento, que produzem acasos, perspectivas e pensamentos que propulsionam a reflexão, a ciência, o contexto etc. É possível observar em Rio das Pedras. Pelas entrevistas, a diferença entre necessidade e desejo, e a potencial abertura para o encontro com o novo, em contraponto ao aniquilamento da ferramenta política do indivíduo num discurso de comunidade tanto da Associação que é atrelada ao poder público, quanto do próprio Estado que reproduz o discurso da migração como um problema para as grandes metrópoles. E quem fez a cidade? E quem construiu a metrópole? São perguntas que devemos fazer, como educadores, como pessoas, enfim.

Por uma política que não atribua o sujeito migrante a uma relação classista, vinculado a espaços precisos de conformismo e resignação, não é somente uma possibilidade. É a perspectiva de encontrar no sujeito social a inserção consciente nesse espaço para estabelecer-se a si mesmo o seu movimento, ciente que este movimento é inerente a ele, e assim propulsão de lugares e de encontros, numa liberdade efetiva e em geografias e geometrias que se tornam parte de si mesmo, parte de uma estória-até-agora.

**CONSIDERAÇÕES: DESEJO E A PRODUÇÃO DE MÚLTIPLAS IDENTIDADES**

Sayad, ao se referir que toda migração é um movimento de quem parte e para quem fica, assim como de quem chega e para quem vê e como vê a chegada, mostra claramente na dificuldade de todos esses agentes em perceber o movimento e, portanto, a mudança, exatamente pelas transformações que passa qualquer sujeito, qualquer ser social. A diferença está na relação e na visão desta mudança por quem vê de perto, e quem antes conhecia, agora já não o reconhece.

Na medida em que dura a imigração, porque não se emigra (i.e. não se cortam os laços com seu universo social, econômico, cultural, habitual) e não se imigra (i.e. não se agrega, mesmo que marginal e muito superficialmente, a outro sistema social) impunemente (i.e. sem consequências), produz-se, entre os imigrantes, uma inevitável reconversão de suas atitudes em relação à sociedade na qual eles vivem cada vez por mais tempo e de forma mais contínua e, principalmente, frente às condições de trabalho que essa sociedade lhes impõe.<sup>22</sup>

É nessa relação de imigração/emigração, é precisamente na relação que nasce o agenciamento. Se o desejo é inerente ao corpo, a expressão (que não é, como vimos, obrigatoriamente o ato de migrar) que faz tornar uma necessidade se insere. E é na necessidade que o migrante, e em geral a sociedade, se baseia para manifestar seu desejo. Porém, esse desejo é o desejo do espaço alienado, voltado para o consumo. A expressão do desejo do consumo não é aquilo que realmente desejamos de forma intrínseca, e

---

<sup>22</sup> Abdelmalek Sayad, *A imigração ou os paradoxos da alteridade*, (São Paulo: Editora Edusp, 1998): 65.

paradoxalmente temos consciência disto.

Muitos, embora próximos a tantos prazeres e desejos imbricados no espaço de origem, se sentem eternos migrantes, sempre em busca de e por algo neste mundo. E quando migrantes enquanto imigrantes, permanecem na busca incessante do processo contínuo e múltiplo de espacialização. Uma política voltada à reflexão do espaço inerente ao devir, requer a consciência das transformações sociais no seio da interseção entre território e multiplicidade. O descaso do poder público e as multiterritorialidades das comunidades cariocas, imanentes a esse descaso e “rizomáticas”, inserem-se numa perspectiva muito mais complexa do que simplesmente os processos sociais coletivos de mobilidade e estruturas hierarquizadas estáticas, condicionantes ao sistema vigente. Também, as fronteiras dessa mobilidade vão além das territorialidades na perspectiva política que omite uma possível reterritorialização e constata a desterritorialização (que, como vimos nunca é) absoluta (colocada criticamente por Haesbaert).

Ser sujeito de seus espaços, que para quem parte, ocorre em grande medida no trajeto entre um lugar e outro, assim como o migrante experimentou durante sua vinda. Talvez precisamente no momento depois da partida e entre a chegada, a certeza da viagem e as expectativas do conhecimento do novo, da possibilidade de novos encontros e novos caminhos a percorrer, é que o migrante nordestino tenha experimentado a consciência de sua espacialidade e de sua territorialidade, sem discursos e nem ideologias, uma liberdade de si e para si mesmo.

**Abstract**

This alleged understanding the role of notions of identity and freedom in the scale of production of desire, as a way to build our language based on a multiple perspective, from the migration and movement of migrants. The issue of migration, examined in different fields of modern science (literature, mathematics, economics, sociology, geography, history, etc.), can be seen in a new and provocative debate about the inherent space, not only the geographic but a space for everyone and for all.

**Key-words:** Migration, desire, expression, space.

**Resumen**

Esta comprensión supuesta la función de las nociones de identidad y la libertad en la escala de producción de deseo, como una forma de construir nuestro lenguaje basado en un punto de vista, de la migración y el movimiento de los migrantes. El tema de la migración, examinado en diferentes campos de la ciencia moderna (la literatura, matemáticas, economía, sociología, geografía, historia, etc), se puede ver en un nuevo debate y provocador sobre el espacio inherente, no sólo la distribución geográfica sino un espacio para todos y para todos.

**Palabras clave:** migración, deseo, expresión, espacio